

TÂNIA STELLA BASSOI, CANTAVA A BELEZA DA VIDA E DE SER APRENDIZ

Tiago Emanuel Klüber

“Viver, e não ter a vergonha de ser feliz. Cantar (e cantar e cantar)
A beleza de ser um eterno aprendiz. Eu sei que a vida devia ser
bem melhor e será. Mas isso não impede que eu repita
É bonita, é bonita e é bonita”.
(GONZAGUINHA, 1945-1991)

Ao receber o convite para escrever essa homenagem à professora Tânia Stella Bassoi, fui apanhado por dois sentimentos que se chocaram, tristeza e alegria. *Tristeza* por não poder mais tê-la conosco e por ter enfrentado uma das situações mais difíceis que já passei na minha vida profissional e pessoal. O seu repentino adoecimento, a sua luta para vencer a doença e o seu olhar sempre confiante e esperançoso, e, por fim, o seu último sopro, deixaram um vazio e uma dor imensos em nossos corações. Deste dia em diante não ouvimos mais aquela voz sempre alegre e firme, nem o seu sorriso simples e radiante. Porém, os seus gestos, as suas palavras e a obra intelectual que ela deixou, continuarão a ecoar, nos inspirando. Os discentes de graduação e pós-graduação que ela ensinou, orientou, aconselhou, acolheu; em sua vida, em sua casa, continuam sendo gratos por tudo aquilo que ela disseminou de matemática, de educação matemática, de pesquisa e de cultura geral. Ela era uma pessoa muito culta. *Alegria* por, em alguma medida, poder apresentar a minha perspectiva pessoal da professora, pesquisadora, pessoa e, principalmente, amiga. O convite recebido, imagino, decorre das muitas vezes que fomos vistos juntos, em tantas situações de trabalho, nos muitos eventos que participamos ou que organizamos. Foram experiências maravilhosas! Saudades definem as muitas reuniões, as brigas para tudo dar certo. Posso ouvi-la me chamando de longe “Tiagooooo”.

A epígrafe escolhida para disparar esse texto é um modo de ver a minha querida amiga, Tânia. O que conheci de sua vida por meio de relatos de suas memórias e de fatos que marcaram a nossa convivência, convergem para a beleza dessa poesia. Não adentrarei na interpretação literal, mas nas possibilidades que a minha leitura e o meu contato com essa canção trazem para o aquilo que me proponho aqui. Diante disso, decidi escrever um texto livre, rememorando e saboreando as nossas muitas conversas, nas incontáveis viagens que fizemos em 9 anos, nas incontáveis reuniões de trabalho e também nos espaços privados de nossas casas ou comemorações que tivemos oportunidade de compartilhar.

A professora Tânia Stella Bassoi, Graduada em Matemática, pela Universidade Federal do Paraná (1975), nunca teve vida fácil, pois, como ela relatou, mais de uma vez,

estudar e fazer matemática, um curso historicamente muito difícil de ser concluído, pela esposa e mãe que era, mostram a sua disposição e seu desejo de aprender! Tânia não tinha vergonha de ser feliz! Ela acreditava que a vida poderia ser bem melhor! E foi! Com os bebês sobre a mesa, em um “bebê conforto”, ela se debruçava sobre os livros, sem descuidar dos afazeres da casa e do trabalho, uma vez que sempre cuidava dos mínimos detalhes. Além disso, sem descuidar de si e da sua dócil vaidade... certamente a história da mulher e da mãe que ela foi é a história de tantas outras mulheres e mães que cursaram ou cursam matemática, mas a esperança de uma vida melhor, com luta e muita coragem e sempre com um olhar alegre e positivo lhe era particular. Ela conseguiu avançar na vida, sem perder a humildade e gentileza. Em quase dez anos de convivência, não me recordo de ela ter reclamado da vida, sempre externando um sentimento de ter dado conta, e entre os ônus e bônus, ter vencido. Sem ingenuidades e sem pensar que era uma super-heroína, a professora Tânia foi uma batalhadora ímpar, mas que sabia saborear a vida e as belezas que ela traz. Arrisco-me a dizer que isso se deu por sua educação familiar, centrada na honestidade, na responsabilidade e confiança. Não foi uma, nem duas vezes que ela dizia da admiração que tinha pela sua mãe e o seu pai; dos conselhos paternos; da organização da mesa, da disposição dos talheres e das xícaras. Esse cuidado nunca soou como algo arrogante ou apenas superficial, mas como um símbolo da possibilidade de, em um simples café da tarde, encontrar mais uma centelha da beleza da vida. Essa organização e esse reconhecimento dos valores familiares recebidos, eram marcas do seu caráter e do modo como conduzia a sua vida.

Essa marca pessoal acompanhou toda a sua trajetória de formação profissional. A pesquisadora Tânia nunca cedeu aos modismos ou a pressões externas para fazer algo. Ela dizia algo como: “Eu sempre pesquisei o que quis. O pesquisador precisa ter autonomia para escolher os seus temas”. Do meu ponto de vista, era a pessoa e pesquisadora dizendo, como na música de Gonzaguinha, “Somos nós que fazemos a vida. Como der ou puder ou quiser”. Ela construiu a sua história de pesquisadora não para ser pesquisadora, pelo *status* que isso traria, mas porque, “no chão da sala aula”, com todo o esforço que empregava, não via os seus alunos aprenderem matemática. As muitas experiências empíricas e tentativas desordenadas de resolver os problemas que todo professor comprometido já tentou, fizeram parte da sua trajetória profissional. Porém, o desacerto, a inconformidade e a nítida presença de um ímpeto de aprender, quase que numa “doce ilusão”, aliada à vida que é vista como o verbo “sofrer”, saiu de si e, frente à oportunidade de escolher ser pesquisadora de Matemática Aplicada, com bolsa garantida, em uma grande universidade, escolheu, mais uma vez, o caminho menos pavimentado, o da Educação Matemática, ela é uma das precursoras dessa área no país. Uma

área ainda em estágio embrionário em nosso país, mas que fazia todo o sentido para pensar a resolução dos problemas vivenciados por ela e tantos colegas que, a duras penas, enfrentavam as salas de aula nas décadas de 1970 e 1980. Estudou sem bolsa, estudou história e cultura para o ensino de matemática. Estudou o que gostava e o que acreditava, saboreou os frutos plantados, revirou a terra, regou, cuidou, não chegou no final... colhendo-os, fez parte do processo. Ah... Tânia, inteligente, falante, muito falante... (risos), de linguagem fácil, robusta, muito culta e, sempre atenta às ingenuidades que qualquer área de pesquisa possui. Aprofundou os seus estudos de mestrado na Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unicentro, Guarapuava (2006), em um convênio com a Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. Antes disso, posso ouvi-la dizendo, com muita admiração em uma aula ministrada pela professora Maria Bicudo, em uma disciplina especial na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Unesp, Rio Claro. “Eu ouvia os colegas professores, ainda todos começando mestrado, dizendo, com emoção e quase deslocados da realidade escolar: eu fiz isso e deu certo, eu fiz aquilo, e deu certo, eu fiz o outro e também. Ahhhh... pedi a palavra e disse: sou só eu que não consigo fazer isso ou vocês estão muito enganados... não enfrentamos os mesmos problemas da sala...” (seguiam-se os risos). Sempre atenta, e preocupada mesmo com a sala de aula, a pesquisa nunca foi um fim em sua vida, mas um meio que ela encontrou de acalmar e minimizar os “lamentos” da sala de aula, sim, a vida também é lamento. Fez isso com pequenas alegrias, mas consistentes respostas que a pesquisa pode oferecer. Sim, a vida é também alegria frente ao lamento.

A professora Tânia enfrentou muitas dificuldades na vida profissional e pessoal, como todos nós, mudanças de cidade, trabalhou na Educação Básica e em mais de uma escola e faculdade. Em tempos muito distintos dos nossos, escolheu trabalhar e disseminar Educação Matemática pela sua ação, pelos cursos que ofertou e coordenou e por sua paixão pela graduação, pelo laboratório de Ensino de Matemática da Unioeste. Ela não estava nem aí para o currículo lattes. Trabalhava muito, viajava muito e registrava pouco das suas práticas e inovações. Certamente, muito do que fez se perdeu com a sua partida, quem sabe possamos encontrar nos seus materiais doados.

Escrever, produzir artigos, disseminar resultados de pesquisa, eram apenas formas menos importantes de fazer educação matemática. Ela queria ver uma escola diferente. Não era menosprezo pela pesquisa, era colocar a pesquisa em Educação Matemática no seu devido lugar, a serviço das tão esperadas e necessárias melhorias das escolas, dos cidadãos. Isso não quer dizer que não tenha escrito ou produzido. Ela o fez, os seus textos individuais ou coletivos podem ser encontrados. Sobre isso, lembro que quando prestei concurso, do qual ela

foi banca, sem conhecê-la, ela me disse: “Não adianta ficar escrevendo texto. Não dá para se meter na Educação Básica sem conhecer”. De início fiquei aborrecido, era um jovem pesquisador sem experiência, ainda não era professor. Ela tinha razão. Acredito que muito da minha mudança de perspectiva de pesquisa e de prática tenha se dado em função desta cobrança incisiva e persistente. Obrigado, Tânia, não pude agradecer pessoalmente, o faço agora.

O intervalo entre o mestrado e o doutorado foi por conta de que ela não queria fazer qualquer pesquisa, muitos convites foram feitos, mas era firme. “Só faço quando eu encontrar algo que me motive e inspire”. Foi quando surgiu a sua última paixão teórica, a Teoria dos Registros de Representação Semióticas, de Raymond Duval... paixão compartilhada com a sua grande amiga, dos tempos de graduação, Professora Célia Finck Brandt.... O seu doutorado pela Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, (2006), foi mais uma “pedreira”, como se diz por aí. Um câncer, uma separação conjugal e uma tese (que eu sei) ... ela não esmoreceu. Raspou o cabelo, sem dispensa integral, ministrava aulas, um ou dois dias depois de sessões de radioterapia. Elegante e vaidosa como sempre, nunca escondeu a doença e nem as suas consequências. Sabia enfrentar, como ninguém, situações adversas. Concluiu a sua tese. Externava, escondendo a emoção: “tenho aversão a ela”. Ainda assim, a fez, terminou, divulgou Duval e orientou trabalhos sobre o tema. Para a Tânia, parece que a vida era sinônimo do verbo sofrer, mas nunca deixou de ser bonita. Ela fez a vida bonita. Nas roupas e nos lenços que escolheu enquanto enfrentava o câncer no ano de 2006. Nas conversas sobre os seus cuidados, com a alimentação e com os seus chás. Na crença nas recomendações médicas. Naquela vitória do primeiro câncer. “O médico disse, você vai ter problemas estéticos se retirar as mamas. De pronto responde: “Eu quero ficar viva, não estou nem aí para a estética”. Não tinha medo de tomar decisões difíceis. Confiava na ciência.

Pessoalmente, sempre se declarou atea, diferentemente de mim, cristão e católico declarado. Nunca foi um problema. Debatemos muitas vezes. Tânia ia às festas de igreja e sempre que via uma ação de boa vontade, não colocava a sua firme posição acima das pessoas, do convívio e do que era bom. Tinha fé na vida, na ciência e na sua história. O respeito imperava. Os muitos embates por nossas diferenças de valores religiosos, em temas delicados que não ao caso, nunca impediram que fossemos profissionais, afetuosos e chegássemos à amizade e ao convívio familiar. Certamente ela tinha amigos muito mais achegados do que eu fui, mas a minha casa e a dela eram abertas à nossa circulação. Almoçamos e tomamos chá e café juntos. Na casa dela, em xícaras húngaras... (risos), pois até um chá simples merece ser tomado em recipientes apropriados.... Eu brincava: “você é muito

lady”. Nessas ocasiões, quase sempre estávamos trabalhando... ela nunca abriu mão de ser sofisticada e simples... café com leite sempre, e depois do almoço, “um carioquinha, por favor”. Ela conheceu minhas filhas. As visitou e as presenteou. Brincou com elas. Conviveu um pouco. Adorava crianças. Os netos eram sua alegria...

Em 2012 fomos parceiros no projeto que deu abertura, em 2014, ao PPGEn, Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, *campus* Foz do Iguaçu. Esse projeto foi um grande desafio, uma vez que as exigências da pós-graduação brasileira não estavam no horizonte das preocupações da Tânia. A corrida por produção, atualizações do currículo lattes a todo momento, incomodavam a professora. No entanto, depois de muito insistir, ela aceitou, deixando claro que, o que queria mesmo era estar com as pessoas e disseminar o conhecimento que tinha. Tânia era humilde. Aceitava sugestões, mudava bibliografia de disciplina. Solicitava ajuda com informática, coisa que ela não tinha domínio. Não tinha vergonha de aprender. “Sim, era eterna aprendiz”. Entre 2014 e 2016, viajamos semanalmente de Cascavel para Foz. Foram muitas horas de viagem. Nestas viagens, aprofundamos a nossa amizade, compartilhando as nossas dores e alegrias; a nossa história. A minha admiração por ela cresceu. Eu sempre pensava: “Que pessoa mais incrível e mais forte. Como é que ela aguentou tudo isso? ”. Com a minha saída do PPGEn, em 2016, Tânia ainda continuou ministrando uma disciplina e concluindo orientações. Neste período, o grupo que hoje integra o PPGECEM, Programa de Pós-Graduação em Educação Ciências e Educação Matemática, da Unioeste, *campus* Cascavel, juntamente com ela, planejou a abertura de um mestrado e doutorado ao mesmo tempo. Mais uma vez ela foi parceira e esteve conosco, contribuindo com orientações, disciplinas e reuniões e com a sua sutil gentileza, em todos os encontros ela levava lanche selecionado e muitas vezes um chá especial, sem açúcar, feito com cascas de frutas, que só ela sabia fazer. Eu brincava, que não poderíamos nos reunir sem ela, porque ela sempre garantia o melhor chá. Ela devolveia “Estou bem com esses amigos...” (lágrimas).

Para a nossa surpresa, no dia 27 de março de 2018, Tânia teve um mal súbito, quando ministrava aulas numa disciplina do PPGECEM. Em nove anos de convivência, nunca tínhamos presenciado isso, pois, ao final das viagens e dos trabalhos, eu sempre estava mais cansado e menos disposto que ela. Nunca faltava energia para um passeio ou um jantar. Aquele ocorrido nos preocupou. E não era para menos, a situação que parecia um simples desconforto intestinal, se agravou e ela precisou fazer uma cirurgia às pressas. As notícias não eram boas, era um câncer.

Quando fui visitá-la no hospital para dar força para ela, mais uma vez fui

surpreendido, foi ela quem me deu mais uma lição. Estava tranquila, decidida a lutar mais uma vez pela sua vida. Naquele dia, saí do hospital e chorei. Numa das reuniões de oração que frequentei, disse, sem mencionar o seu nome: “hoje Deus falou comigo no testemunho de uma amiga que não acredita Nele. Ela me comunicou Deus como nunca antes na minha história. A sua forma de ver a vida é um exemplo para nós cristãos, sem reclamar”. Nas poucas visitas que eu fiz, por conta das restrições por conta do longo tratamento que durou mais de um ano e meio, nunca a vi reclamar. Nunca! Todas as vezes ela apenas relatava o seu quadro e dizia que estava fazendo de tudo para vencer aquela doença, estava sempre confiante. A sua vontade e força de viver eram sem igual. Enfraquecida pela doença e pelo tratamento continuou orientando, se preocupando com o seu trabalho, lendo teses e participando de bancas e entrevistas de seleção, até, por videoconferência, em uma baia de enfermaria, fazendo quimioterapia, como se nada estivesse acontecendo com ela. Chamei a atenção dela, dizendo que era para descansar, mas não tinha jeito, ela queria viver como sempre viveu: trabalhando e sendo produtiva. Duas ou três semanas antes do seu falecimento, ela veio de Curitiba para Cascavel para a defesa do seu último orientado do PPGEn. Ao vê-la, envelhecida, magra e muito diferente fisicamente daquela mulher vigorosa que conheci, fui tomado por um sentimento de despedida. Ela, porém, com a lucidez e coragem que lhe eram características, contou que faria a cirurgia e que estava tudo bem. A sua força, mais uma vez trouxe calma e esperança, afinal era a Tânia. A verdade é que a vida é “Sempre desejada. Por mais que esteja errada. Ninguém quer a morte. Só saúde e sorte”. Porém, ela não era ingênua. Conhecia muito bem a si mesma. Preparou um “testamento” à mão, segundo relato de sua irmã, designando o quê e a quem deveriam ser destinados os seus bens. Dos livros que eram suas paixões até às xícaras húngaras, ela escolheu para quem deveria ficar. Em seguida, entrou em processo de despedida, mas ela tinha tanta vontade de viver que, por mais de uma vez, em seu leito de morte, retornou à vida. Por fim, a notícia do seu falecimento trouxe a nós muita dor e mais uma lição.

“Viver, e não ter a vergonha de ser feliz. Cantar (e cantar e cantar)
A beleza de ser um eterno aprendiz. Eu sei que a vida devia ser
bem melhor e será. Mas isso não impede que eu repita
É bonita, é bonita e é bonita”.

Querida Tânia, muito obrigado, por sua vida, por sua história, por sua dedicação à Unioeste, à Educação Matemática, mas, sobretudo, obrigado por ter regado os nossos jardins, com tanta alegria de viver! Do seu grande amigo e admirador, Tiago e todos os que se sentem representados nestas poucas palavras.

Cascavel-PR, 22 de junho de 2020.